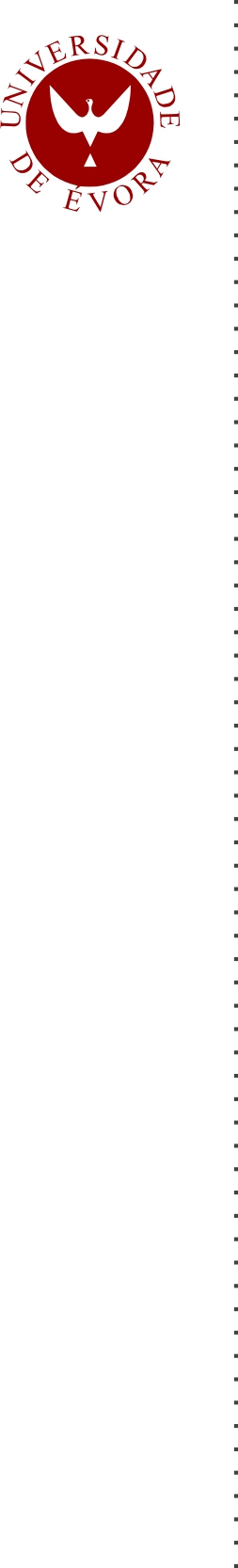
**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**“Memórias de um património industrial esquecido, do centro histórico de Évora e arredores (1800-1970) Inventário e projeto de valorização”**

**Maria Cristina Patrício dos Santos**

Orientação: Profª Doutora Ana Cardoso de Matos

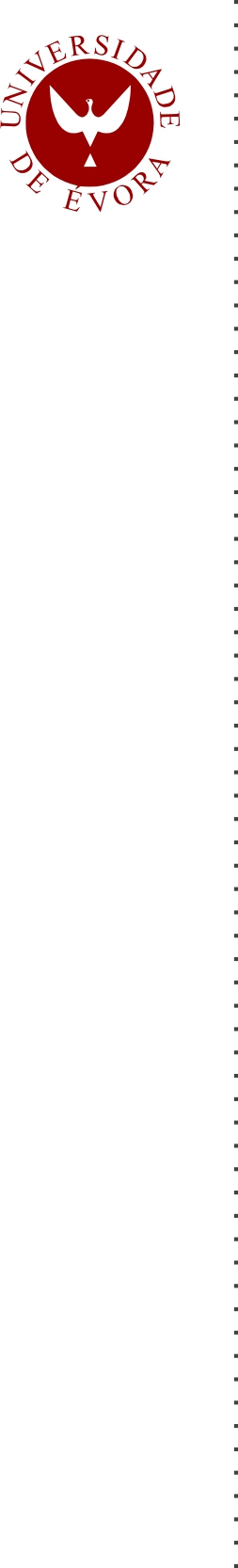
Coorientação: Drª Celeste Maria Tomé Guerreiro

**Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico- Cultural**

Área de especialização: *Ramo de Património Científico, Tecnológico e Industrial*

Relatório de Estágio

Évora, 2013

** UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**“Memórias de um património industrial esquecido, do centro histórico de Évora e arredores (1800-1970) Inventário e projeto de valorização”**

**Maria Cristina Patrício dos Santos**

Orientação: Profª Doutora Ana Cardoso de Matos

Coorientação: Drª Celeste Maria Tomé Guerreiro

**Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico- Cultural**

Área de especialização: *Ramo de Património Científico, Tecnológico e Industrial*

Relatório de Estágio

Évora, 2013

**Índice**

**Resumo** .......................................................................................................pág.6

**Abstract** .................................................................................................... pág.7

**Introdução** ............................................................................................. ..pág.8

**Capítulo 1 - Estrutura e objetivos do estágio**

* 1. - Organização do trabalho e metodologia ....................................pág.12

1.2 - Importância do Estágio e objetivos.............................................pág.15

1.3 -- O Património Industrial em Portugal: alguns tópicos ..............pág. 16

1.4 - Breves considerações sobre a indústria na cidade de Évora

nos séculos XIX e XX....................................................................pág. 17

**Capítulo 2 - Abordagem da Divisão do Centro Histórico, Património, Cultura e Turismo**

2.1 - Apresentação da Divisão do Centro Histórico, Património,

Cultura e Turismo;..........................................................................pág. 25

2.2 - Trabalhos realizados pela Divisão;...........................................pág. 27

**Capítulo 3 - Organização do trabalho de estágio e resultados obtidos**

3.1 -. Definição das fichas de inventário.............................................pág. 30

3.2 - Trabalho de campo e análise e interpretação das fichas:...........pág. 33

3.3 - .Recuperação da memória- Proposta de Valorização................. pág.45

**Conclusão**....................................................................................................pág. 48

**Bibliografia**.................................................................................................pág.51

**Webgrafia** ...................................................................................................pág.55

**Anexos**

**I - Fichas de Inventário**

**II - Folheto “ Rota da Panificação”**

**III - Planta do Centro Histórico de Évora com a localização dos estabelecimentos industriais (1800-1970)**

**Agradecimentos**

Em primeiro lugar quero agradecer aos pais e irmão por toda a paciência e apoio que têm dado ao longo destes anos. Agradeço à Profª Doutora Ana Cardoso de Matos, pela orientação e ajuda no decorrer do Estágio, à Dr.ª Celeste Guerreiro pelo apoio incondicional e pelo tempo que lhe tomei.

Agradeço à Câmara Municipal de Évora o fato de ter aceitado que realizasse este Estágio na Divisão do Centro Histórico, Património, Cultura e Turismo.

Agradeço aos avôs que já partiram, mas que acompanharam esta luta e por último e não menos importante agradecer aos amigos pelo apoio e compreensão.

A todos a minha mais sincera gratidão.

**Resumo**

Évora não é só uma cidade com património artístico e religioso, como a Sé ou o Templo Romano. É também uma cidade em que se encontram ainda vestígios de um património industrial que poucos conhecem, uma vez que a maioria das atividades já não existe e os edifícios em que as mesmas se realizavam foram adaptados a outros usos.

Este Estágio consistiu na recolha de informação sobre os edifícios industriais que existiram no centro histórico e arredores da cidade de Évora, entre 1800 – 1970, e que posteriormente foram adaptados a outros usos ou desapareceram, como forma de contribuir para uma melhor compreensão das várias atividades industriais que existiam na cidade. É necessário destacar que este tipo de inventário pode contribuir para reavivar a memória sobre a atividade industrial, preservando assim um legado deixado pelo passado e redescoberto no presente.

Toda a informação recolhida foi devidamente inserida numa base de dados, criando-se fichas de inventário para o seu levantamento e para uma posterior consulta credível. Esta informação será futuramente colocada num site relacionado com o Património Industrial, inserido na página eletrónica da Câmara Municipal de Évora e com divulgação na página da Universidade de Évora, nomeadamente no projeto Património Industrial do Sul que se desenvolve no âmbito do CIDEHUS, permitindo assim, a sua difusão junto dos interessados por este património.

Palavras – Chave Évora, Património Industrial, Indústria, Fichas de Inventário, Valorização.

**Abstract**

**Memories of a forgotten industrial heritage, the historic center of Évora area (1800-1970) Inventory and enhancement project**

Évora, is not only a city of artistic and religious heritage, such as the Cathedral or the Roman Temple. It is also a city with industrial heritage that few know, since a good part, are activities that no longer exist and the buildings in which they were held were adapted to other uses.

This stage consisted, as a way to contribute to a better understanding of the various industry activities that existed in the city, was based on the collection of information on industrial buildings that existed in the historical area of the city of Évora, between 1800 - 1970, and were later adapted to other uses or disappeared as a way to contribute to a better understanding of the various industry activities that existed in the city. It is necessary to highlight the need for this type of inventory that will serve for a revival of memories on industrial activity, thus preserving a legacy left by past and rediscovered in the present.

The information collected has been properly inserted into a database, creating files inventory for their survey and a subsequent more credible query. This information will be available in a site related to Industrial Heritage, located on the electronic page of the Municipality of Évora and linked to the website of the project Industrial Heritage in the South developed within the CIDEHUS, a research center of the University of Évora, thus allowing its dissemination to the people interested in this heritage.

Key - Words: Évora, Industrial Heritage, Industry, Sheets, Inventory Valuation

**Introdução**

Para a conclusão do Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico-Cultural, na vertente de Património Técnico, Científico e Industrial referente ao ano letivo de 2012/2013, propusemo-nos realizar um Estágio na Câmara Municipal de Évora.

O estágio decorreu no âmbito do Gabinete do Centro Histórico Cultura e Turismo e teve como objetivo a realização de um inventário sobre as atividades industriais que existiram na área urbana delimitada pela Cerca Nova (hoje designada como Centro Histórico de Évora) e também nas primeiras zonas de expansão da cidade adjacentes a este espaço. Referimo-nos sobretudo à instalação da linha férrea e à estação ferroviária que permitiu a criação de novos elementos urbanos, e o rápido desenvolvimento extramuros com o surgimento da Avenida Dr. Barahona e a Avenida Combatentes da Grande Guerra. Estes eram sobretudo bairros destinados à classe baixa e intermédia da cidade.

A partir de 1940 verificou-se um aumento significativo da cidade extramuros através da introdução da mecanização na agricultura, o que obrigou à população rural execendentária procurar na cidade de Évora novas condições de vida.

De acordo com Maria Domingas Símplicio, a definição da zona industrial da cidade corresponde a um plano onde a indústria deveria deixar a cidade intramuros e concentrar-se mais a sul, no sentido do caminho de ferro, pois é aí que se encontravam as grandes fábricas e os depósitos[[1]](#footnote-1).

O período de pesquisa compreende os séculos XIX e XX. A adoção de uma amplitude cronológica alargada pareceu-nos a mais adequada para que o levantamento fosse o mais abrangente possível, embora certamente a delimitação espacial referida acima implique que algumas das indústrias instaladas na cidade a partir do último quartel do século passado não sejam referidas.

Pretende-se com este trabalho dar a conhecer as indústrias que se instalaram e funcionaram no Centro Histórico da cidade e da maioria das quais atualmente não existe qualquer vestígio. O Estágio compreendeu igualmente uma proposta de valorização patrimonial, para que os eborenses e os interessados nesta temática tomem conhecimento da história desta cidade no que à sua memória industrial diz respeito.

Contrariamente ao que normalmente é considerado, Évora foi uma cidade onde, ao longo dos tempos, se instalaram diversas indústrias, como podemos constar através das conclusões de alguns estudos sobre a indústria na cidade [[2]](#footnote-2) e através do levantamento que se realizou ao longo do estágio.

É possível verificar que existe um grande período cronológico entre as datas iniciais e fnais do nosso estudo o que se deve ao fato do desenvolvimento da indústria ter começado no século XIX. Terá sido em meados deste século que o cultivo do cereal e o vasto montado que circundava a cidade contribuíram para o surgimento de algumas das suas atividades industriais O cultivo do olival também deu o seu contribuíto, nomeadamente na produção do azeite que a partir de 1825 foi fundamental para a iluminação pública da cidade, sendo depois substituído pelo petróleo e mais tarde ainda pelo gás.

Com a entrada de um novo século começaram por aparecer no centro histórico da cidade de Évora pequenas indústrias, sobretudo de cariz familiar, das quais a principal atividade era o fabrico de pão. É consideravél o número de padarias e de pastelarias que podemos encontrar no século XX, situadas principalmente nas ruas que circundam a praça do Giraldo, embora possamos encontrar também outras indústrias. É notório o elevado número de atividades industriais que encontramos na periferia da praça do Giraldo, pois era aqui que se desenvolvia a vida social dos eborenses.

Como teremos oportunidade de constatar pelas fichas de inventário apresentadas em Anexo, existiram espaços na cidade que, após a saída da indústria ali instalada, foram utilizados para outros fins, não existindo atualmente qualquer vestígio do seu passado. Outros há que, sucessivamente, foram dando lugar à instalação de outras atividades transformadoras.

A proposta de valorização patrimonial apresentada no final do Relatório reflete o trabalho realizado e pretende divulgar / valorizar, pela via da recuperação da memória dos lugares, o processo de industrialização em Évora. Para isso ambiciona-se a inclusão de um link na página da Câmara Municipal de Évora e com divulgação na página da Universidade de Évora, nomeadamente no projeto de Património Industrial no Sul que se desenvolve no âmbito do CIDEHUS, permitindo assim disponibilizar o acesso a esta informação recolhida a todos os interessados.

Como forma de valorizar este património esquecido pretende-se também a criação de uma “Rota do Pão”, seguindo o exemplo das rotas que já existem noutras cidades e que faz todo o sentido se implementado também em Évora. Escolheu-se esta atividade industrial devido ao elevado número de estabelecimentos que existiram em Évora nos séculos estudados.

A Rota terá início na praça do Giraldo estando todo o percurso dedicado ao setor da panificação, assinalando-se os edifícios onde esta atividade teve lugar, assim como as padarias e pastelarias.

Esta Rota tem como objetivo principal enriquecer as memórias do património industrial relacionadas com o fabrico de pão, referentes aos séculos XIX e XX, e que hoje em dia é extremamente apreciado pelos consumidores, dar a conhecer lugares e recantos esquecidos e escondidos nas ruas e travessas de Évora e, quem sabe, conseguir desvendar histórias e aprender a confecionar o pão.

Pretendemos salientar a importância para o desenvolvimento da economia de Évora de produtos tão caraterísticos do Alentejo como é o caso do azeite, do cereal/pão e da cortiça, matérias que existem em grande quantidade nos olivais, searas e no vasto montado alentejano e que são uma mais valia para a atividade indústrial.

Os Anexos que se podem consultar dizem respeito a todo o material fotográfico que resultou do trabalho de campo e às fichas dos estabelecimentos para os quais foi possível identificar o número de polícia, identificando assim o edifício. Em relação às fichas de inventário, o número foi-lhes atribuído consoante a ordem em que foram inseridas na base de dados.

Na planta cartográfica que se encontra igualmente em Anexo apenas optámos por assinalar as atividades industriais que apresentam número de policía, pois só assim é possível identifica-lás no seu respectivo lugar. Daí, precisamente, a também notória a disparidade que existe no número de fichas de inventário sobre as atividades industriais, 71 no total e as indústrias que são identificadas na planta, 40 no seu conjunto.

**Capítulo 1 – Estrutura e objetivos do estágio**

* 1. **- Organização do trabalho e metodologia**

O estágio iniciou-se em Outubro de 2012 na Câmara Municipal de Évora, mais concretamente na Divisão do Centro Histórico, Património, Cultura e Turismo e teve o seu termo em Março de 2013.

De acordo com a proposta para a elaboração deste trabalho de estágio e para a realização de um levantamento preliminar do património industrial do Centro Histórico e arredores da cidade de Évora entre 1800 e 1970 considerámos necessário proceder à divisão do trabalho em três partes.

Numa primeira fase foi necessário realizar uma pesquisa sobre os recursos bibliográficos, fontes e estudos sobre a indústria na cidade de Évora para a partir daí se proceder à inventariação das atividades e dos espaços. Para tal efeito, recorremos sobretudo ao espólio do Núcleo de Documentação da Câmara Municipal de Évora, uma vez que é aqui que podemos encontrar grande parte das publicações sobre a cidade e alguns jornais da época que são de extrema utilidade. Neste Núcleo, para além de monografias e de outros estudos incluídos em publicações periódicas, foram ainda consultados jornais antigos, como o *Manuelinho* e o jornal *Notícias d’Évora*, assim como os *Anuários Comerciais* relativos a diversos anos. Tanto os jornais como os Anuários foram de extrema importância, pois dão-nos informação relacionada com as pequenas fábricas que funcionavam em diversos pontos da cidade.

Outro recurso muito importante foi o *Catálogo da Exposição Riscos de um Século”[[3]](#footnote-3),* que nos permitiu compreender a evolução da cidade entre os séculos XIX até finais do século XX.

De destacar ainda a consulta dos fundos do Governo Civil, no *Arquivo Distrital de Évora*, embora a informação aqui contida não seja muita nem de grande utilidade para o nosso estudo.

Após a realização deste processo de levantamento de informação e já na posse dos endereços das indústrias, recorremos ao Departamento de Obras da Câmara Municipal. Neste serviço, através do número de polícia e respetiva morada, tivemos acesso ao número de processo individual, tendo consultado posteriormente todos os processos.

Este Departamento encontra-se situado no Parque Industrial e Tecnológico de Évora e é aqui que podemos encontrar todos os processos relativos às obras efetuadas por particulares, nos vários edifícios da cidade. Nestes processos é possível ter acesso a várias informações, nomeadamente ao nome dos proprietários e as obras que o edifício sofreu ao longo dos anos, permitindo avaliar a sua evolução, as alterações arquitetónicas que foram introduzidas e os projetos de reutilização. O processo de obras é o historial de todas as alterações e obras de requalificação que o edifício necessitou com o passar dos anos e que aqui podem ser devidamente consultadas.

A consulta destes processos carece de uma autorização prévia, dado que, por se tratar de obras particulares, não estão acessíveis. De salientar ainda que a informação recolhida anteriormente nos Anuários Comerciais não se encontra nestes processos, que só foram abertos posteriormente, muitas vezes quando, após a extinção das indústrias, os prédios foram alvo de obras para outras finalidades de ocupação.

Após a conclusão da primeira fase do trabalho, ou seja, do trabalho de investigação, iniciou-se a segunda fase em que se realizou o trabalho de campo.

Com a informação recolhida e devidamente analisada, deu-se início à execução do levantamento no terreno, percorrendo o Centro Histórico da cidade e preenchendo as fichas de inventário, que posteriormente foram introduzidas numa base de dados. Esta tarefa implicou igualmente a realização de um levantamento fotográfico, de forma a enriquecer e completar o trabalho final e tornar mais precisa a base de informação escrita constante na base de dados.

A informatização da informação não implicou a construção de uma base de dados própria. A informação recolhida foi integrada na base de dados Microsoft Acess denominada *Conjuntos Urbanos* que é utilizada, para efeitos de recolha e organização de informação, no âmbito do Gabinete do Centro Histórico da Câmara Municipal de Évora.

O conjunto de campos da base de dados permite a identificação de cada edifício e a atividade industrial que ali existiu no período que estamos a estudar.

É possível, através da criação de filtros nos diferentes campos, fazer o agrupamento por campo, como é o caso da morada e da freguesia, permitindo-nos assim analisar de uma só vez as várias atividades industriais que fizeram parte de uma determinada rua ou freguesia.

Com o trabalho de campo concluído e a introdução dos dados na base de dados, procedemos de seguida à identificação, em planta, das várias atividades industriais. Da sua análise identificámos num primeiro olhar onde se situavam as várias atividades industriais que se estabeleceram na cidade, tornando-se assim possível verificar que a atividade transformadora situada em meio urbano era parte integrante da economia eborense e, assim, que a memória da indústria é, também ela, um traço identificador do património da cidade de Évora.

Como já se referiu anteriormente, é igualmente propósito deste trabalho de estágio contribuir para a divulgação /valorização desta memória da indústria eborense através da disponibilização, na página online da Câmara Municipal de Évora, de um link que remeta para o Património Industrial da cidade, ou apenas para o centro histórico, uma vez que era aqui que se concentrava a indústria no período em análise.

Para além desta ambição, existirá igualmente a possibilidade de enriquecer/complementar outras páginas que se encontram online, estando elas também relacionadas com o Património Industrial, nomeadamente o já mencionado projeto “Património Industrial no Sul” que está a ser desenvolvido no âmbito do CIDEHUS – Universidade de Évora.

A criação da Rota da Panificação proposta será de extrema importância para o reavivar das memórias há muito tempo esquecidas. Esta Rota centra-se sobretudo no centro histórico da cidade de Évora, pois foi aqui que após o trabalho de campo encontrámos um maior número de padarias e pastelarias. Merece destaque a rua de Avis pelo elevado número, estando todas as outras padarias espalhadas um pouco pelas várias ruas do centro histórico.

O objetivo desta Rota será, e como já foi referido, dar a conhecer as memórias, as ruas, as histórias que poucas pessoas conhecem procurando trazer para a cidade, mais visitantes que se sintam atraídos pelo pão e doces alentejanos, não esquecendo todos os outros produtos.

**1.2. - Importância do Estágio e objetivos**

Atualmente, o setor industrial eborense é sobretudo conhecido pelo conjunto de equipamentos e atividades situadas no denominado *parque industrial de Évora*, num espaço relativamente recente e com uma dimensão de memória que pouco podemos recuar para além dos anos 70’ do século XX. Para muitos eborenses o Centro Histórico da cidade não passa de uma zona residencial antiga, com algum comércio e serviços e, com espaços de convívio, desconhecendo assim quais foram às inúmeras atividades industriais que fizeram parte dele no período de 1800 a 1970.

Talvez para a população mais jovem, essas memórias se tenham perdido, como muitas outras, e daí a importância deste estágio. Assim será um reavivar de memórias esquecidas e um alerta para a população mais jovem para a quantidade e importância das indústrias que existiam na cidade.

O trabalho de estágio que consistiu num levantamento dos locais em que existiram fábricas tem como finalidade contribuir para a fixação de memórias. Assim se compreende a importância da criação da base de dados e da proposta de valorização do património industrial que fez parte de Évora no século XIX e XX e que hoje já não existe.

**1.3. - O Património Industrial em Portugal: alguns tópicos**

A preocupação com o património industrial é relativamente recente. Tornou-se mais visível em Portugal a partir de 1980, quando a arqueologia industrial começou a ser divulgada através de exposições e de estudos de carater científico, como podemos observar na página online do IGESPAR[[4]](#footnote-4). O objeto de estudo deste tipo de património baseia-se sobretudo nos vestígios deixados pelas várias atividades industriais, como a maquinaria, edifícios, habitações operárias que foram construídos para albergar os funcionários, ou até mesmo as infraestruturas criadas para facilitar as comunicações, como é o caso de pontes e caminho-de-ferro, entre outros.

Nos finais do século XX começaram a surgir os primeiros parques industriais em algumas cidades. A deslocação das empresas para estes parques, que lhes ofereciam outras condições de funcionamento, conjugado com o encerramento de várias indústrias,provocou o abandono de um grande número de edifícios no interior das cidades. Muitos deles foram utilizados alguns anos mais tarde para outros fins, nalguns casos dando lugar à instalação de museus, ou até mesmo centros de interpretação relacionados com a atividade industrial que ali funcionava anteriormente.

Portugal criou em 2010 um Guia Prático de nível básico de inventariação, demonstrando desta forma a preocupação para com o património industrial. Assim, surgiu o KIT3, que resulta de um trabalho de recolha, análise, processamento, discussão e síntese de uma série de conhecimentos teóricos e práticos sobre a inventariação do património industrial.

Este Guia pretende promover a recolha, o estudo, a conservação, a disseminação e a utilização de mais e melhor informação e documentação sobre o Património Industrial, quer por parte de agentes públicos, quer privados. A valorização deste património recaiu sobre os bens imóveis “ in situ” e móveis integrados ou deslocados, bens arquivísticos, iconográficos ou até mesmo fotográficos. Por si próprio, este KIT é indicador da crescente atenção dada pelos poderes públicos e pelos investigadores, em Portugal, relativamente ao património industrial.

Para além disto, o património industrial integra ainda edificações isoladas, sítios ou conjuntos que incorporam uma arquitetura, um urbanismo e uma paisagem de cariz industrial.

**1.4 - Breves considerações sobre a indústria na cidade de Évora nos séculos XIX e XX**

Nos finais do século XIX o Alentejo era o grande abastecedor de trigo no mercado de Lisboa. Para além do cultivo de trigo na província alentejana, podemos destacar ainda o centeio e o milho indispensáveis para o fabrico do pão.

O cultivo era realizado com recurso ao sistema de cultivo em rotação com outros cereais geralmente e de forma a manter os terrenos limpos, fazendo-se sobretudo nos olivais e nos montados que existiam em grande abundância na periferia da cidade.

Inicialmente a moagem dos vários tipos de cereais era realizada com recurso a moinhos hidráulicos e eólicos para a produção de farinha, mas a necessidade de produzir em maior quantidade obrigou à modernização técnica e deu lugar à instalação da máquina a vapor[[5]](#footnote-5).

Em 1850, o industrial José Matias Carreira instalou em Évora aquela que seria considerada a primeira unidade fabril movida a vapor da cidade, sendo esta máquina utilizada no “*descasque de arroz e moagem de cereais, destilação de aguardente, fabrico de pão, azeite e lavagem de lã*”[[6]](#footnote-6). Nas décadas seguintes instalou-se na cidade outra fábrica de moagem, na rua da Lagoa[[7]](#footnote-7).

Para além do cultivo de cereal, o Alentejo era caraterizado por um vasto montado de sobro de onde se extraía a cortiça. Esta era inicialmente trabalhada no Alentejo, tendo Tomás Reynolds em 1844 fundado uma fábrica em Estremoz[[8]](#footnote-8).

A partir de 1880 a produção de cortiça sofreu uma ligeira diminuição, ao mesmo tempo que a exportação da cortiça em prancha assumia uma grande importância.

Este facto permitiu que a matéria-prima sofresse um primeiro tratamento, em Évora, no qual se procedia a uma diminuição do peso e volume o que, consequentemente, diminuía o custo do transporte. Após esta fase era então enviada para Lisboa, utilizando o caminho-de-ferro (inaugurado em 1863).

A importância da exportação de cortiça favoreceu a firma Sória, Villarbedó & Cª, criada em 1876, que, “além de possuir uma pequena fábrica de cortiça, na qual trabalhavam, em 1881, 20 homens e 5 menores, era uma importante casa comercial”[[9]](#footnote-9). Em 1890 a indústria da cortiça tinha ganhado uma maior importância em Évora. Para além desta indústria, em 1890 mantinham-se em Évora 11 oficinas que fabricavam rolhas.[[10]](#footnote-10)

Como exemplo da atividade industrial ao nível do tratamento da cortiça, podemos destacar José Gomes Severino, um grande industrial da época, que para além de possuir o edifício das Donzelas (rua da Lagoa), tinha em sua posse mais duas oficinas. Uma das oficinas situava-se junto ao Convento do Calvário, na Travessa dos Lagares, nº 4,e tinha como principal função o armazenamento de fardos de cortiça e a moagem desta para fazer aglomerados. A outra oficina ficava instalada no Largo dos Penedos, ocupando o número de 13 a 17 e era composta por máquinas para a preparação de subprodutos de cortiça, que depois de triturada era utilizada na execução de quadros e rolhas. Também servia de armazém para o condicionamento de fardos.

Outro bom exemplo da atividade corticeira ficava também situado na rua da Lagoa onde podemos encontrar o Palácio dos Sepúlvedas. Construído nos primeiros anos do século XVI é, também, testemunho do património artístico e industrial. Constituiu este edifício um caso excecional no que respeita à utilização dada aos imóveis ao longo dos tempos. Tendo-se ali fixado várias fábricas ao longo dos tempos, é conhecida a sua importância na transformação e produção de rolhas de cortiça, embora ali tenham existido outras atividades industriais como podemos verificar mais adiante neste trabalho.

Com a rápida modernização tecnológica verificada na indústria e associada a novos processos de produção e hábitos de consumo, o Palácio dos Sepúlvedas conheceu entre os séculos XIX-XX uma significativa e diversificada atividade industrial, procedendo para tal fim à substituição da maquinaria No quadro nº1 podemos verificar de forma sintética as várias atividades industriais que fizeram parte da história deste edifício.

**Quadro nº1 – Sinopse das funcionalidades do Palácio dos Sepúlvedas, secs. XIX e XX**

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Nome da empresa** | **Anos em que ocupou o edifício** | **Atividade industrial/Observações** |
| José Mathias Carreira | 1853 – 1875 | Iniciou-se com moagem de cereais, azeitona, fabrico de sabão e aguardente.  Entrou em falência em 1875 e foi vendida à Companhia Industrial Eborense. |
| Companhia Industrial Eborense, S.A.R.L | 1875 - 1883 | Tendo em conta os seus objetivos, a fábrica dedicava-se, sobretudo a moagem de cereais, descasque de arroz, destilação de aguardente, fabrico de pão e azeite, lavagem de lãs. Ambicionava-se ainda o fabrico de lanifícios.  Entrou em falência em 1881. |
| Thomaz Reynolds | 1888- 1891 | Comprou o edifício das Donzelas ao Banco Eborense e instalou uma fábrica dedicada à produção de rolhas de cortiça.  Quatro anos mais tarde um incêndio e as dificuldades económicas levaram à sua venda. |
| The Cork Company Limited, S.A.R.L | 1895- 1901 | Foi comprado em 1895 o edifício a Thomaz Reynolds.  Não há referência a atividade industrial que estaria em estudo.  Em 1901 mudou de proprietário. |
| Sociedade Nacional de Cortiça, S.A.R.L | 1901-1903 | Dedicava-se sobretudo à transformação de cortiça |
| Sede da Adega Regional do Alentejo, S.A.R.L | 1903 | A Sociedade Nacional de Cortiças vende a fábrica à Adega Regional do Alentejo, situando-se aqui a sede e possível exploração de uma adega regional. |
| José Gomes Severino | 1916- 1955 | Dedica-se, sobretudo à preparação de cortiça em pranchas, quadros e rolhas. Mais tarde o seu filho, José Queiroga Machado Severino, utiliza a fábrica como oficina de carpintaria mecânica. |
| Família Descalço de Torres Vaz Freire | 1955- 1959 | Comprada por Manuel Dias Rodrigues Descalço, mas o industrial não conseguiu manter a sua credibilidade industrial, tendo esta sido vendida a Rodrigues Descalço. Por óbito deste, foi herdada por Isabel Maria Descalço, dedicando-se sobretudo ao fabrico de pranchas e rolhas de cortiça. |
| Família Descalço de Torres Vaz Freire | 1959-1969 | Para evitar o abandono da fábrica foi necessário proceder ao seu arrendamento à PROTEXTIL em 1959. A fábrica instalou-se no edifício em 1964 e começou a sua atividade industrial com a confeção de calças, casacos, sobretudos e gabardines. No rés do chão dedicava-se à confeção de pijamas, camisas e serralharia mecânica privativa.  Suspende a sua atividade em 1969. |
| Família Descalço de Torres Vaz Freire | 1970-1996 | Trespassada a fábrica pelo administrador da Protextil à Melka Confeções Lda. Verificou-se a alteração de seções fabris e equipamento industrial, tendo em conta a confeção de vestuário em série (camisas, pijamas, calças, casacos, gabardines), serralharia mecânica privativa e reparações de elétricos de apoio.  Encerrou atividade em 1996. |
| Família Caeiro Rolo | 1998- | Joaquim José do Rosário Caeiro Rolo comprou o edifício a Isabel Maria Descalço de Torres Vaz Freire para transformá-lo num Hotel de luxo (Quinta Palácio).  Com a recuperação do edifício, foi possível a sua reutilização e requalificação. |

Fonte: Maria da Conceição Rebola- “O palácio dos Sepúlvedas – um património artístico e industrial a preservar e a valorizar”**. A Cidade de Évora**: Boletim de Cultura da Câmara Municipal, II Série, nº 5, Évora, 2001, pp. 467 - 500.

Outra atividade industrial que adquiriu importância na cidade de Évora foi a indústria lagareira Existiu desde o século XVI e manteve-se até ao século XIX, havendo informação que neste último século ainda funcionava pelo menos um lagar de azeite.[[11]](#footnote-11) Sobre este lagar de azeite refere-se “ *Um lagar de fabricar azeite na travessa dos Lagares, freguezia de Santo Antão d´Évora, formado de diversos predios com os seus altos, que tem o nº3 de policia*.”[[12]](#footnote-12). Propriedade de Francisco Lopes, que no ano de 1885 o passou para a posse do seu sobrinho João Lopes Marçal, podendo esta informação ser confirmada através da caderneta predial do prédio sob o artigo 713 da matriz urbana[[13]](#footnote-13).

A iluminação pública da cidade iniciou-se em 1825, sendo financiada por impostos e comparticipações dos munícipes. Recorreu-se, numa primeira fase, aos candeeiros a azeite que se encontravam distribuídos pelas principais ruas da cidade[[14]](#footnote-14) e, mais tarde, já no ano de 1867, deu-se início à iluminação com recurso ao petróleo, combustível mais barato que o azeite.

Évora começou, em 1870, a discutir a introdução da iluminação com recurso ao gás, forma de iluminação já utilizada na capital e em várias cidades do país. Em sessão camarária de 30 de Junho de 1887 foi aprovado, para o efeito, a celebração de um contrato provisório com o engenheiro civil Alfred Harrison conjuntamente com o engenheiro civil Diogo Souto[[15]](#footnote-15).

A construção da fábrica de gás foi efetuada extramuros, no Rossio de São Brás, para evitar o risco de poluição, (que se traduzia na saturação do ar atmosférico com ácido sulfuroso) e pelos odores que este tipo de fábrica exalava. A montagem desta fábrica foi entregue a uma empresa estrangeira – Sociedade Dalhaise, Magerman & Van Hulle e seguida pela Companhia Geral de Iluminação a Gás.

A sua construção iniciou-se em Agosto de 1889. Em Abril de 1890 deram-se por concluídos os trabalhos considerados necessários para se iniciar a produção e distribuição de gás, começando este a iluminar a cidade a 1 de Maio de 1890.[[16]](#footnote-16) O espaço era constituído na sua extremidade por um barracão, no qual se estabeleceu um depósito de carvão, a casa dos fornos, os extratores, purificadores e o contador, estando situados na parte da frente os escritórios e armazéns. Hoje em dia podemos encontrar neste espaço o Hotel D. Fernando.

A eletricidade chegou à cidade através da constituição da Companhia Eborense de Eletricidade no ano de 1905. Alguns anos mais tarde, em 1912, a Companhia lançou novas emissões de ações, o que permitiu a instalação de novos motores e de caldeiras a vapor, alimentadas a carvão. A Câmara Municipal deliberou municipalizar então estes dois sistemas de iluminação, a gás e a eletricidade.

Com o passar dos anos verificou-se a necessidade de se criar um projeto de infraestruturas de águas e esgotos e ampliar a sua rede na cidade. Para isso seria necessário uma racionalização e atualização dos próprios serviços administrativos do município e dotar os funcionários com as competências necessárias. Assim, tanto as obras de canalização de águas e esgotos, como a própria municipalização de iluminação ficariam ligadas às obras públicas. Foi necessário o pedido de um empréstimo pelo Presidente da Comissão executiva, destinado, sobretudo à aquisição e funcionamento da Fábrica de Gas e obras de canalização de águas e esgotos.[[17]](#footnote-17)

O abastecimento de água na cidade de Évora tinha uma ocorrência sazonal, dependendo das estações do ano. De forma a resolver este problema foi construída uma Central Elevatória de Água, no centro da cidade. Esta Central foi inaugurada a 4 de Junho de 1933 e permitia o fornecimento de água a todos os pontos de Évora, fazendo parte da rede de distribuição de água ao domicílio.

Para este empreendimento foi necessária a reconstrução de captações e de troços do Aqueduto da Água de Prata, desde a Graça do Divor até a cidade[[18]](#footnote-18).

O projeto da Central Elevatória de Águas é da autoria do engenheiro Viriato Castro Cabrita, que foi posteriormente substituído pelo engenheiro Ricardo Teixeira Duarte e as construções em cimento armado foram da responsabilidade do Engenheiro Virgílio Preto. De destacar ainda que esta Central Elevatória de Água engloba um conjunto ímpar de estruturas imóveis[[19]](#footnote-19). Desde o seu início que utilizava energia elétrica.

O centro histórico de Évora esconde, no entanto, outros aspetos que coexistiram com a fase da industrialização da cidade. Situado no pátio do Salema, encontra-se o Salão Central Eborense, símbolo de uma época marcada pela melhoria da vida socioeconómica, política e cultural do povo português. Construído em 1916, este espaço foi projetado como animatógrafo. A ideia surgiu pelo proprietário do Hotel Eborense, de seu nome José Augusto Annes, que resolveu adaptar e transformar um barracão anexo ao seu hotel, espaço este onde outrora se instalara uma fábrica de lanifícios.[[20]](#footnote-20)

Estas são apenas algumas das várias atividades industriais que fizeram parte da história de Évora entre 1800-1970. Para complementar esta pequena introdução, poderão ser consultadas em anexo as fichas de inventário que fizeram parte do trabalho do levantamento feito durante a realização do estágio e que apresentam outras fábricas de maior ou menor dimensão.

**Capitulo 2 - A Divisão do Centro Histórico, Património, Cultura e Turismo**

* 1. **- Apresentação da Divisão do Centro Histórico, Património, Cultura e Turismo**

Como já foi referido anteriormente, a instituição escolhida para acolher o estágio foi a Câmara Municipal de Évora. Este decorreu mais concretamente na Divisão do Centro Histórico, Património, Cultura e Turismo, uma vez que a proposta de estágio consistiu em realizar um inventário sobre o Património Industrial que existiu no centro histórico da cidade e arredores.

Inicialmente designada como Núcleo do Centro Histórico de Évora, a Divisão do Centro Histórico, Património, Cultura e Turismo teve o seu início nos anos 80 do século XX, sob a direção de Filipe Marchand. Foi através deste Núcleo que se elaborou o processo de candidatura de Évora a Património Mundial da Humanidade, que culminou com a classificação no ano de 1986. Desde o início do serviço que uma das tarefas do Núcleo do Centro Histórico era o licenciamento de obras, tarefa esta que saiu da alçada do Departamento no início do ano 2000.

A Divisão do Centro Histórico, Património, Cultura e Turismo chefiada atualmente pelo Dr. Nuno Domingos, apresenta uma série de atribuições divididas em quatro domínios específicos.

Em primeiro lugar o domínio relacionado com a promoção do Centro Histórico, no qual podemos destacar: a elaboração e revisão de planos diretores, planos de urbanização e outros instrumentos relacionados com a gestão urbanística e com a preservação do património; a proposta de planos, programas e ações que consubstanciem opções relativas à conservação e reabilitação do Centro Histórico; e a promoção de levantamentos, estudos globais e setoriais que sustentem propostas de intervenção no espaço público e contribuam para a investigação da história e património e para a promoção da vida cultural da cidade.

O segundo domínio relaciona-se com o património cultural, material e imaterial do concelho que apresenta como atribuições:

* a preservação, a valorização, a animação e a divulgação do património histórico, edificado e arqueológico do Concelho;
* a elaboração e proposta das grandes opções programáticas a incluir nos planos municipais de gestão territorial;
* a elaboração de propostas de atividades e proposta e a promoção de estratégias e ações de sensibilização sobre o património.

O terceiro domínio familiariza-se com a promoção cultural e apresenta as seguintes atribuições: a proposta da musealização de valores culturais e ou aquisição e tratamento de acervos e a prestação do apoio ao funcionamento da Comissão de Toponímia, bem como de outros órgãos consultivos municipais relacionados com o domínio da promoção cultural do Concelho.

Por fim o quarto domínio, está relacionado com a promoção turística. Este domínio pretende efetuar o planeamento e programação operacional da atividade da Câmara Municipal no domínio do turismo, a promoção e desenvolvimento de ações aprovadas pela Câmara Municipal do domínio do turismo e a recolha, divulgação e informação sobre as atividades, oferta e procura de serviços de natureza turística do Concelho.

Através do levantamento realizado sobre o património industrial que existiu na cidade, a Câmara Municipal de Évora passa a dispor de mais uma base de dados útil e de extremo valor para o estudo do passado industrial de Évora. São estudos como este que permitem valorizar o património constituído por edifícios dos quais só restam ruínas ou então os espaços foram de tal forma requalificados que perderam toda a sua traça original e que albergam hoje outras atividades industriais ou até mesmo simples habitações.

A Câmara Municipal pode também com o resultado do estágio realizado colocar em execução a rota do pão e divulgá-la nos vários meios de comunicação social. A criação da rota é também uma mais-valia grande para esta entidade, uma vez que pode trazer mais visitantes que procurem conhecer novos aspetos do centro histórico da cidade, o que é bem possível através desta Rota

**2.2 - Trabalhos realizados pela Divisão**

São vários os projetos que a Divisão do Centro Histórico, Património, Cultura e Turismo realizou desde a sua criação.

De entre eles, destacamos os relacionados com a recuperação e a reabilitação de espaços públicos, fazendo referência aos projetos mais significativos desta Divisão.

- Começo por destacar o projeto “Acrópole XXI” que conta com a parceria de dez instituições que se uniram com vista a uma intervenção no núcleo urbano do Centro Histórico da Cidade de Évora. Pretendeu-se que, através desta candidatura apresentada pela Câmara Municipal, fosse revigorada a zona da cerca velha através da promoção de várias ações que permitam a regeneração urbana, que será auxiliada pela dinamização do comércio tradicional, património e cultura.

- Esta Divisão tem igualmente acompanhado a elaboração de vários projetos para o Teatro Garcia de Resende tanto ao nível da segurança, fosso da orquestra, o sistema de climatização, plateia e a consolidação do palco.

- O projeto relacionado com a requalificação das fontes Henriquinas permitiu a recuperação de duas fontes, sendo elas a fonte da Praça do Giraldo e a fonte do Largo das Portas de Moura. O projeto de restauro das fontes consistiu na correção às intervenções anteriores, à limpeza da pedra e à estabilização da degradação de elementos metálicos, assim como a inibição de agentes biológicos, assegurando a renovação de sistemas hidráulicos, incluindo a eliminação das ruturas através de mecanismos de recirculação da água. Para além destas intervenções, verificou-se também a renovação e o melhoramento da iluminação de ambas as fontes e cujo projeto de iluminação foi co- financiado pela WMF – World Monuments Fund.

- O projeto relativo às obras de remodelação e modificação do Mercado Municipal de Évora, assim com obras de melhoramento da toda a área envolvente. A intervenção foi realizada no âmbito do projeto do PROCOM.

- Os programas municipais a cargo da Divisão são: Programa Municipal de Reabilitação de Fogos, o Programa Municipal Casa Caiada e o Programa Municipal de Reabilitação de Caixilharias em Madeira. Para além destes programas, a Câmara Municipal de Évora realizou um inventário relativo ao Mobiliário Urbano e às placas toponímicas e outros elementos do espaço público.

- Participa através das mais variadas formas, apresentando comunicações ou exposições, em Seminários, Jornadas e Encontros, dando a conhecer os trabalhos realizados,

- Elabora, atualmente, o inventário do seu fundo histórico, cujo espólio se encontra depositado no Arquivo Distrital de Évora.

- Desenvolve projetos educativos na Casa da Balança que permitem a divulgação do património metrológico nacional e internacional. Também no Convento dos Remédios e no Arquivo Fotográfico da Câmara se desenvolvem projetos educativos, referentes às suas áreas. No Convento dos Remédios destacar ainda a instalação de um centro interpretativo e de Salas de Exposições Temporárias, assim como uma Oficina de Restauro e gabinetes de trabalho.

- Outro projeto importante em que a Divisão do Centro Histórico, Património, Cultura e Turismo participa é o Projeto Oralidades. Este projeto consiste numa parceria entre vários países e permite o desenvolvimento de várias atividades cujo principal objetivo é promover a circulação transnacional de operadores, agentes culturais, grupos musicais e intercâmbio de experiências. Assim, é possível contribuir para a criação de uma cidadania europeia.

- Realizou também uma série de estudos referentes às intervenções de conservação e restauro das Termas Romanas de Évora.

- Foi possível através desta Divisão proceder à colocação de colunas antigas, que se encontravam na Mata do Jardim, no pátio do Grupo Pró-Évora, onde ficam em exposição permanente, assim como a realização do inventário relativo ao tecido edificado do centro histórico. Para além deste inventário, a Divisão participou também de uma forma intensa em vários projetos que passo a identificar:

* Elaboração de processos de classificação de imóveis;
* Elaboração da Carta Arqueológica do Concelho de Évora. Consistiu no desenvolvimento de trabalhos de prospeção seletiva, dirigida a zonas concelhias menos prospetadas, tendo como principal objetivo de reduzir/eliminar lacunas existentes no conhecimento do património arqueológico do território eborense.
* Elaboração do Boletim “A cidade de Évora”, contando com cerca de 30 colaboradores que abrangem os mais variados temas, como património, arqueologia, urbanismo, antropologia e literatura. Esta publicação é considerada um instrumento fundamental para o conhecimento, reflexão, preservação e divulgação da cultura de Évora.
* Elaboração do Plano Local de Habitação, em parceria com a ADME, para a realização do Atlas da Habitação em Évora;

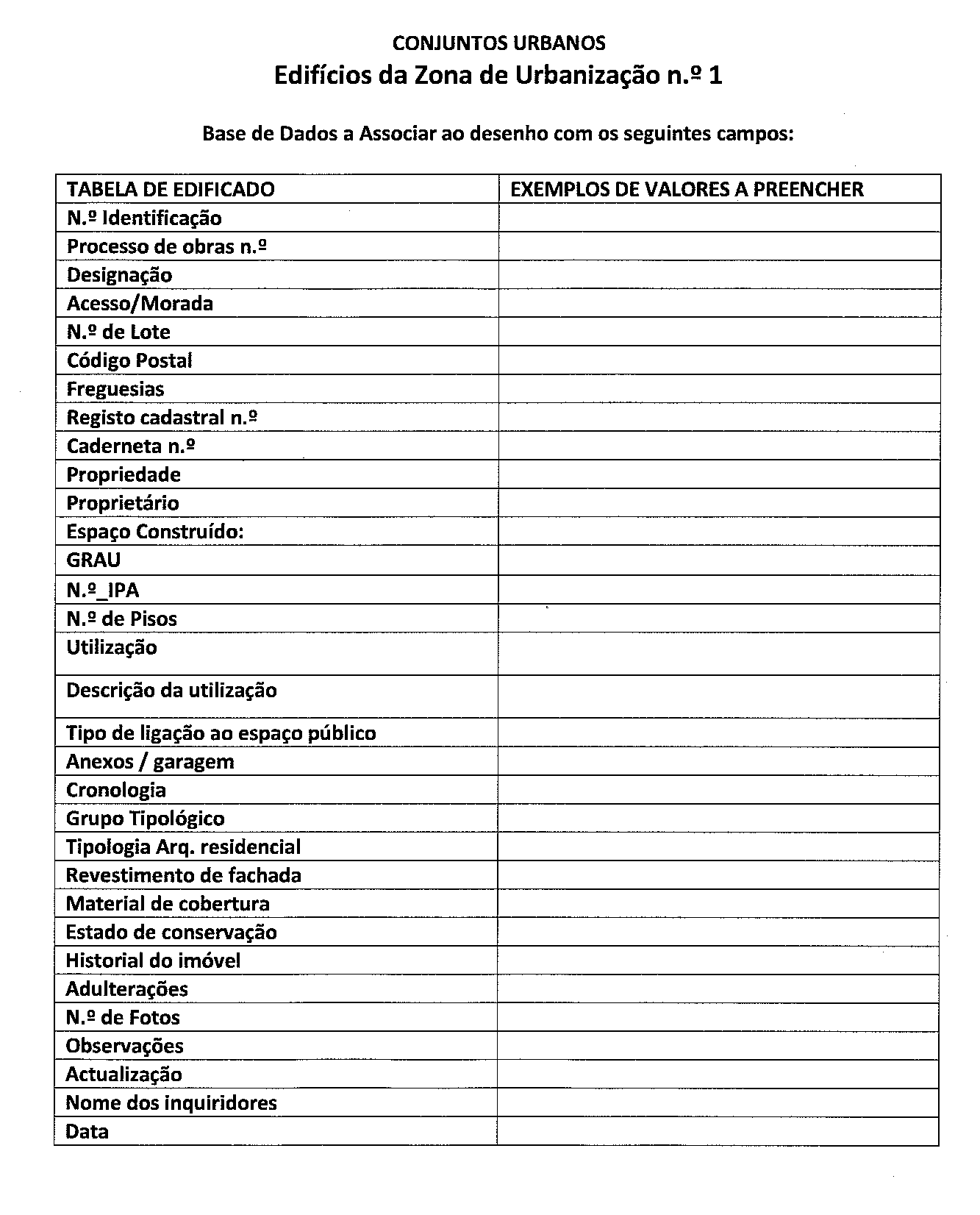
- Por fim a participação nas três edições do Workshop em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural, com o título “Os Espaços da Memória e a Memória dos Espaços”, quer ao nível da organização, quer com a apresentação de várias comunicações.

**Capítulo 3 – Organização do trabalho de estágio e resultados obtidos**

**3.1- Definição das Fichas de Inventário**

Como já foi referido, o trabalho de estágio consistiu na recolha de informação sobre o património industrial que existiu na cidade de Évora entre 1800 – 1970. Toda a informação foi depois devidamente inserida numa base de dados, constituída pelos campos da Ficha de Inventário que orienta a recolha de informação:

**Quadro nº 2 - Modelo da Ficha de Inventário**



A base de dados apresentada é uma tabela com vários campos que foram devidamente preenchidos de acordo os dados obtidos através do trabalho de campo.

A ficha de campo utilizada teve por modelo a ficha utilizada pelo IHRU[[21]](#footnote-21)- (Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana) para inventários de conjuntos urbanos, na qual foram introduzidas algumas alterações para melhor se adaptar ao nosso trabalho. A base de dados conta apenas com os campos que foi possíveis preencher. Uma vez que o estágio decorreu na Câmara Municipal de Évora, achei o mais correto utilizar as fichas de inventário que são utilizadas por esta entidade e que seguem o modelo cedido pelo IHRU. De seguida é apresentada a descrição de cada campo que compõe a ficha.

O campo relativo ao número do processo de obras foi preenchido de acordo com a pesquisa efetuada no POP[[22]](#footnote-22). A partir daqui começámos por descrever o edifício que estávamos a estudar. Na *Designação* colocámos a informação de que se trata de uma casa, uma igreja, um palácio, etc.

No *Acesso/Morada*, no número de lote e no código postal colocámos a informação relacionada com a respetiva morada, assim como no campo da Freguesia, identificámos a freguesia em que está inserido o imóvel em causa.

Em relação à *Propriedade* indicámos se é pública ou privada e, caso existisse conhecimento do nome do proprietário, inserimos essa mesma informação no campo seguinte relativo ao Proprietário.

Relativamente ao *Espaço Construído*, preenchemos sempre “sim”, uma vez que o edifício se encontra construído. Nos campos seguintes apresentámos uma descrição daquilo que visualizámos, ou seja, colocámos informação sobre o número de pisos que podemos observar do exterior e, caso existam águas furtadas, inserimos também essa informação. Para elaboração destas fichas apenas fizemos observação exterior dos imóveis.

No campo relativo à *Utilização* especificámos a utilização dada a esse mesmo edifício, enquanto no campo seguinte, na Descrição da Utilização inserimos a informação mais detalhada como, por exemplo, o tipo e nome dos estabelecimentos comerciais ou serviços ali instalados.

No campo relativo ao *Tipo de Ligação ao Espaço Público*, verificámos que o mesmo geralmente é direto. Sempre que existia um beco, um pátio ou logradouro de que tivéssemos conhecimento, preenchemos como indireta.

A identificação do *Grupo Tipológico* permite identificar que tipo de arquitetura está presente, ou seja, se se trata de arquitetura civil privada ou pública, e esta identificação foi preenchida em função do que verificámos para cada caso.

O *Revestimento da Fachada* permite-nos identificar que tipo de material ali está presente, podendo este ser tinta ou azulejo.

O mesmo acontece com o Material de Cobertura que pode ser telha de canudo, marselha ou lusa, chapa de zinco ou outro. Assim, este ponto foi também preenchido tendo em conta as características de cada imóvel que estávamos a inventariar.

No campo relativo ao *Estado de Conservação*, que nos informa relativamente ao estado em que se encontra o edifício: muito bom, bom, razoável ou em ruína, preenchemos a informação em função do estado do imóvel.

O campo referente ao *Historial do Imóvel* só foi preenchido quando tínhamos conhecimento das várias obras de alteração ou requalificação a que o imóvel tinha sido sujeito.

As *Adulterações* permitem identificar quais foram as alterações verificadas, podendo ser alterações no revestimento, nos materiais ou colocação de estores, toldos, anúncios ou outros, e foram devidamente registadas.

Por fim o *Número de Fotos* indica o número de fotografias tiradas ao edifício no decorrer do trabalho de campo.

O campo relativo às *Observações* foi utilizado para descrever qual a atividade industrial ou comercial que existe naquele edifício.

Nas *Atualizações* serão preenchidas quando se realizarem novas atualizações inserindo a data.

No final da ficha de inventário preenchemos o nome do *Inquiridor*, ou seja, de quem realizou o inventário e a data em que teve lugar o mesmo.

* 1. **.- Trabalho de campo, análise e interpretação das fichas**

A partir do trabalho de investigação e do trabalho de campo realizado sobre o património industrial que existiu no centro histórico da cidade de Évora e arredores, é possível fazer uma pequena avaliação sobre as várias atividades industriais que ali se fixaram.

Durante os séculos XIX e XX foram muitas e variadas as atividades industriais que fizeram parte da economia da cidade de Évora. Podemos verificar, pela análise dos dados marcados na planta cartográfica do centro histórico, um grande predomínio da pequena atividade industrial, que em meados do século XIX e no século XX se estabeleceu na zona mais central da cidade. As grandes indústrias, por sua vez, apresentam uma grande incidência na zona periférica da cidade, muito devido à sua grande dimensão e também devido ao caminho férreo[[23]](#footnote-23), que permitia um rápido escoamento dos produtos que ali eram produzidos, assim como a receção das matérias-primas necessárias para a sua confeção.

De acordo com o quadro nº3, referente às *Indústrias localizadas na avenida Dr. Barahona* - que se encontra em baixo, e com a planta cartográfica da cidade de Évora em anexo, concluímos que, de fato, as indústrias de maiores dimensões se estabeleceram para lá dos limites do centro. Hoje em dia esta avenida serve de acolhimento à Guarda Nacional Republicano, pois é aqui que encontramos os mais variados serviços desde o quartel, a garagem, aos serviços sociais, cavalariças, entre outros.

Da maioria das antigas fábricas não subsistem atualmente quaisquer vestígios que nos permitam identificar que ali existia uma determinada indústria, apenas podemos recorrer ao número de polícia, quando possível e aí sim identificar qual a atividade industrial que ali existiu. A Guarda Nacional Republicana instalou-se em edifícios que receberam obras de requalificação para o seu estabelecimento, tendo-se, ao longo dos tempos, alargado aos prédios contíguos, ocupando hoje grande parte dos edifícios da avenida.

**Quadro nº3 – Indústrias localizadas na avenida Dr. Barahona**

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Atividade Industrial** | **Morada** | **Atual** |
| G.A.S – Companhia Eborense de Eletricidade 1878 | Rossio de São Brás | Espaço ocupado pelo Hotel D. Fernando |
| Fábrica de Refrigerantes- A. Florentino Simões 1948 | Avenida Dr. Barahona |  |
| Fábrica de Refrigerantes | Avenida Dr. Barahona nº 33 | Garragem da GNR |
| Fábrica de Têxteis nos anos 60 | Avenida Dr. Barahona nº17 | Atual Cabitel |
| Lagar de Azeite | Avenida Dr. Barahona | Serviços Sociais da GNR |
| Fábrica de Vinagre | Avenida Dr. Barahona nº 7 a 9 |  |

**Fonte**: Quadro elaborado com base nas informações constantes no **Anexo I – Fichas de Inventário**

Para terminar a observação da periferia da cidade, irei de seguida analisar a avenida dos Combatentes da Grande Guerra. Esta avenida é paralela à avenida Dr. Barahona e também nela podemos encontrar vestígios de indústrias de grandes dimensões. Perante o quadro nº4 encontramos três indústrias que merecem destaque.

**Quadro nº4 - Indústrias localizadas na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra**

|  |  |
| --- | --- |
| **Atividade Industrial** | **Morada** |
| Fomento Eborense | Avenida dos Combatentes |
| Federação dos Trigos-Moagem Eborense | Avenida dos Combatentes nº 52 a 54 |
| Fábrica de Têxteis nos anos 60 | Avenida dos Combatentes nº 34 |

**Fonte**: Quadro elaborado com base nas informações constantes no **Anexo I – Fichas de Inventário**

Ao observar os dados do quadro número quatro, apercebemo-nos que a quantidade de indústrias era inferior quando comparada com a avenida Dr. Barahona. No entanto, podemos destacar a Federação dos Trigos - Moagem Eborense pela sua extensão, de que subsistem dois edifícios de grandes dimensões, destacando-se um pelo seu péssimo estado de conservação e abandono, o que permite atos de vandalismo, e o outro, que nos anos 90 foi reutilizado como discoteca, hoje é um condomínio privado.

Por sua vez, podemos referir aqui um exemplo da reutilização do património industrial relativamente à fábrica do Fomento Eborense, destinada à produção de pastilhas elásticas e rebuçados. Após algum tempo ao abandono após o seu encerramento, sofreu obras de alteração do edifício que transformaram este espaço num condomínio privado, incluindo áreas de ginásio e comércio.

No centro histórico da cidade de Évora permanece apenas a memória da fábrica de cortiça de José Gomes Severino situada na antiga Rua Cândido dos Reis, na qual, em 1969 beneficiando do mesmo espaço, foi instalada a fábrica de confeções da Melka. Este imóvel, após alguns anos de abandono, sofreu obras de requalificação. A traça original do edifício foi mantida e nos dias de hoje aqui funciona um hotel de luxo designado de Mar de Ar Aqueduto. De referir o fato de este espaço ter sido utilizado primeiramente como Palácio dos Sepúlvedas, como já vimos no subcapítulo 1.3 referente ao seu historial entre os séculos XIX e XX.

As edificações industriais de grandes dimensões da cidade de Évora estão quase todas recuperadas e remodeladas e podemos deixar aqui outros dois exemplos da utilização dos espaços para outros fins. A CAPLE – Cooperativa Agrícola de Produtores de Leite de Évora[[24]](#footnote-24) deu lugar nos dias de hoje a uma loja de roupa para crianças. É um espaço bastante amplo e no qual são visíveis as alterações que foram realizadas para a instalação da loja e que alteraram totalmente a sua estrutura inicial. Por fim destacamos ainda a Fábrica dos Leões, uma antiga fábrica de massas alimentícias que se encontra desativada. Ao fim de alguns anos de abandono foi adquirida pela Universidade de Évora e é aqui que podemos encontrar o departamento dedicado às artes. Nas obras de reutilização foi destruída grande parte dos vestígios da utilização industrial deste edifício.

O património industrial que estudámos é maioritariamente constituído por indústrias de pequenas dimensões e de cariz familiar, podendo contar apenas com o apoio de um ou outro funcionário. Hoje em dia muitos deles são espaços comerciais, sem ligação à atividade industrial que ali existiu nos séculos XIX e XX. No entanto, existe na rua Miguel Bombarda um bom exemplo de como um espaço tem mantido desde sempre a mesma atividade industrial, embora com donos e nomes diferentes. Conhecida como a padaria *Panificadora*, foi durante os inícios do século XX a padaria de *Manoel Índias*. Este é o único espaço industrial que, mantendo a traça caraterística, sofrendo apenas obras para a beneficiação do espaço, continua o comércio de pão e seus derivados. Outros exemplos que merecem ser destacados são a pastelaria Violeta, situada na rua José Elias Garcia que se mantém inalterada e a padaria *Bijou* conhecida nos dias que correm como padaria dos *Galegos*. São apenas três exemplos de empresas que tiveram início no século XX e sobrevivem até hoje mantendo a sua atividade industrial.

A panificação é sem dúvida a atividade industrial mais significativa entre 1800 e 1970. O elevado número de padarias com fabrico próprio existente no centro histórico de Évora é algo surpreendente, por vezes existindo até mais do que uma numa determinada rua. Através do quadro que se segue conseguimos ter a noção do elevado número de padarias, pastelarias e seus derivados que laboravam no centro histórico da cidade.

**Quadro nº 5 Padarias/pastelarias e seus derivados**

|  |  |
| --- | --- |
| **Atividade Industrial** | **Morada** |
| Padaria – 1947 | Rua Serpa Pinto, nº 43 |
| Pastelaria de Francisco da Conceição Teigão – 1953 | Rua de Avis, nºs 20, 22, 24 |
| Padaria de Paula e Gomes – 1954 | Rua de Avis, nº 71 |
| Pastelaria Bijou – 1955 | Rua de Avis, nºs 61 A e 61 B |
| Pastelaria Dália – 1956 | Largo Portas de Moura, nº 36 |
| Padaria Central Eborense – 1957 | Rua João de Deus, nº 148 |
| Confeitaria Espanhola – 1960 | Rua Miguel Bombarda, nº 18 |
| Padaria | Rua Cândido dos Reis, nº 5 |
| Padaria Manoel índia | Rua Miguel Bombarda, nº 54 |
| Pastelaria Violeta | Rua José Elias Garcia, nº 2 |
| Leitaria – 1945 | Rua de Avis, nº 68 |
| Fabricação de Pão | Rua Mendo Estevens, nº 38 |

**Fonte**: Quadro elaborado com base nas informações constantes no **Anexo I – Fichas de Inventário**

Como é possível verificar por este quadro, e como atrás já foi referido, o ramo da panificação e seus similares tiveram um grande destaque no século XIX e século XX no centro histórico de Évora, contribuindo para isso também a moagem que se instalou no centro, que procedia à moagem de cereais a vapor, propriedade de Vicente Rodrigues Ruivo, situada no páteo de S. Miguel. Outras padarias encerraram a sua atividade alguns anos mais tarde.

No entanto, não é apenas o ramo da panificação que merece destaque nesta análise. A alimentação e o ramo das bebidas surpreendem pela quantidade de fábricas que existiram e se estabeleceram na zona mais central de Évora. De acordo com a planta em anexo, conseguimos verificar onde existia um maior número de indústrias dedicadas ao fabrico do que se podem considerar doces, como bolachas, chocolates e gelados.

No Quadro nº 6 conseguimos ter essa noção relativamente aos doces e no Quadro nº 7 em relação às bebidas.

**Quadro nº 6 - Fábricas de doces**

|  |  |
| --- | --- |
| **Atividade Industrial** | **Morada** |
| Fábrica de Amêndoas de Francisco Severino Godinho | Rua 5 de Outubro, nº 11 A |
| Fábrica de doces regionais | Rua dos Mercadores, nº 40 |
| Fábrica de Gelados | Rua Miguel Bombarda, nº 40 |
| Fomento Eborense | Avenida Combatente da Grande Guerra |
| Fábrica de bolachas e biscoitos | Largo da Graça, nº 4ª |
| Fábrica de Chocolate e amêndoas | Rua João de Deus |
| Fábrica de Chocolate e confeitaria, torrefação e Moagem de café | Rua João de Deus, nº 138 |

**Fonte**: Quadro elaborado com base nas informações constantes no **Anexo I – Fichas de Inventário**

**Quadro nº 7 – Fabricas de bebidas e derivados**

|  |  |
| --- | --- |
| **Atividade Industrial** | **Morada** |
| Fábrica de Aguardente Andaye | Rua João de Deus, nº 146 |
| Adega Tunel | Rua de Oliveira, nº 4 |
| Fábrica de Aguardente e Licores – Bebida Granito | (apenas referência) |
| Fábrica de Destilação a vapor de Ignacio Henrique | Travessa de Santo André |
| Fábrica de Vinagre de António Pereira | Rua 31 de Janeiro |
| Fábrica de refrigerantes A. Florentino | Avenida Dr. Barahona, nº 33 |
| Armazém de Vinhos e seus derivados de Hermogenes Augusto Dias Azêdo | Largo de São Domingos |
| Fábrica de Vinagres | Avenida Dr. Barahona, nº 7 a 9 |

**Fonte**: Quadro elaborado com base nas informações constantes no **Anexo I – Fichas de Inventário**

A população de Évora aproveitava todos os recursos que a natureza dava, não só na extração da cortiça como na produção de azeite. O número significativo de lagares que podemos observar no Quadro número 8 permite-nos perceber o quanto era importante na economia da época a produção de azeite, com o recurso aos vários olivais que existem na região.

**Quadro nº8 – Fábricas de produção azeite (lagares)**

|  |  |
| --- | --- |
| **Atividade Industrial** | **Morada** |
| Lagar de José António de Oliveira Soares | Travessa do Calvário |
| Lagar - Fabricante de Azeite – Sapataria Leão | Rua Lagar dos Dizímos |
| Fábrica de Azeite A. Florentino | Avenida Dr. Barahona |
| Armazém de Azeite Alberto Marques da Costa | Rua Miguel Bombarda, nº6 |
| Lagar de Azeite | Rua das Fontes (Apenas referência) |
| Lagar de Azeite | Avenida Dr. Barahona, nº 17 |

**Fonte**: Quadro elaborado com base nas informações constantes no **Anexo I – Fichas de Inventário**

O espaço do antigo lagar de José António de Oliveira Soares, na rua do Calvário, foi alvo de algumas obras que permitiram a sua transformação numa Albergaria, que adotou o nome de Albergaria do Calvário. A população tem conhecimento da existência, em tempos, de um antigo lagar naquele local, onde ainda podemos encontrar, como elementos decorativos, algumas mós, mas do edifício do antigo lagar não restaram vestígios e as mós perderam o seu significado industrial por estarem completamente descontextualizadas. No entanto, a memória dessa atividade permanece na toponímia da cidade, e mantém-se o nome de travessa dos Lagares.

Para além deste tipo de património industrial que são as fábricas, podemos destacar o número significativo de armazéns que também ali existiam. Embora não albergassem atividades transformadoras, estes grandes espaços serviam de salvaguarda dos diversos produtos alimentares. Começo por deixar expresso no Quadro em baixo os vários armazéns que davam apoio às várias atividades industriais.

**Quadro nº 9 - Armazéns**

|  |  |
| --- | --- |
| **Atividade Industrial** | **Morada** |
| Grandes armazéns do Chiado – 1909 | Praça do Giraldo |
| Armazém de queijo e manteigas | Apenas referência |
| Armazém de vinhos e seus derivados de Hermogenes Augusto | Largo de S. Domingos (apenas referência) |
| Armazém junto à Companhia União Fabril | Avenida dos Combatentes |
| Armazém de azeite de Alberto Jordão Marques da Costa | Rua Miguel Bombarda, nº 6 |
| Armazém de Solas, cabedais e fabricação | Rua de Avis, nºs 52 a 54 |
| Depósito de farinhas Bellos e Formigaes | Rua de Avis (apenas referência) |
| Depósito de farinha S. Brito Vaz Coelho | Rua Serpa Pinto (apenas referência) |
| Depósito de produtos químicos | Rua da República, nº99 |

**Fonte**: Quadro elaborado com base nas informações constantes no **Anexo I – Fichas de Inventário**

Continuando ainda a análise destas estruturas de apoio à atividade transformadora, podemos destacar aqui os celeiros, que tal como os armazéns tiveram importância relevante para o armazenamento de cereais.

Num destes celeiros, que se situava na praça 1º de Maio, foi anos mais tarde instalado o Museu do Artesanato e um centro de artes tradicionais. Encerrado posteriormente e após alguns anos de abandono, foi alvo de obras de requalificação em 2005. A traça original foi mantida, tendo-se introduzido melhorias no seu interior, no sentido de modernizá-lo ao nível do pavimento. Atualmente podemos usufruir do espaço como Museu do Artesanato e do Design, albergando a coleção do antigo Centro de Artes Tradicionais.

O outro celeiro que faz parte deste levantamento situava-se na rua Diogo Cão, nº 5. Mais recentemente e durante muitos anos ali se instalou o Café Condestável que hoje em dia se encontra encerrado.

Como já foi referido foram várias as atividades que surgiram no centro histórico entre 1800-1970 e ali permaneceram durante alguns anos, criando postos de trabalhos e contribuindo para a economia local. Assim no Quadro que se segue verificamos outras indústrias que merecem destaque.

**Quadro 10 - Outro tipo de indústrias**

|  |  |
| --- | --- |
| **Atividade Industrial** | **Morada** |
| Fábrica de Cerâmica | Rua do Raimundo (pólo da música da Universidade de Évora) |
| Fábrica de Capotes Alentejanos | Rua João de Deus, nºs 46 a 48 |
| Fábrica de carimbos de borracha | Rua João de Deus, nº 122 |
| Fábrica de alimentação para o gado | Rua Serpa Pinto |
| Fábrica de ladrilhos e Mosaicos | Referência |
| Fábrica de cordoaria | Rua da República, nºs 22 a 24 |
| Fábrica da cera | Rua de Avis |
| Fábrica de curtumes de José Domingos Fernandes | Travessa dos Portugais (apenas referência) |
| Saboaria Escalabitana de Joaquim Calhamar – 1960 | Largo de São Francisco (apenas referência) |
| Fábrica de Plásticos – Tubel em 1965 | Avenida Infante D. Henrique |
| Fábrica de Palmilhas em 1955 | Rua do Menino Jesus |
| Fábrica de Velas e Ceras | Rua das Alcaçarias (apenas referência) |
| Fábrica de Espelhos | Rua do Menino Jesus, nºs 11B a 11C |
| Fábrica de Têxteis | Avenida Dr. Barahona |
| Fábrica de Palmilhas de Domingos Perdigão Perreira em 1940 | Rua dos Ramos (apenas referência) |
| Fábrica de Campainhas e Guizos | Rua de Avis (apenas referência) |

**Fonte**: Quadro elaborado com base nas informações constantes no **Anexo I – Fichas de Inventário**

Voltando a referir a valorização e requalificação dos vários espaços que fizeram história em Évora e após análise do Quadro nº10, destacamos a antiga Fábrica de Cerâmica, localizada na rua do Raimundo e que nos dias que correm pertence à Universidade de Évora. Alberga o pólo dedicado à Música.

Já na parte final relativamente à análise dos dados, destacamos ainda a existência de talhos ou salsicharias, que também marcaram presença durante os séculos XIX e XX. Destes destacam-se a salsicharia de Joaquim Roberto e Filhos, e, na rua de Avis, a salsicharia Aurora, da qual ainda hoje podemos encontrar alguns vestígios da antiga atividade industrial, apesar do seu estado de degradação e abandono.

Ainda no que respeita à transformação das peças de carnes, é de referir a existência do Matadouro Municipal sediado na rua de Machede. Atualmente desativado, encontra-se dividido em duas áreas, estando numa delas instalado o Centro da Pedra, e na outra os serviços de higiene e limpeza da Câmara Municipal de Évora[[25]](#footnote-25).

A transformação da cortiça nas mais variadas formas, encerra esta análise. Podemos identificar através do Quadro nº11, um elevado número de fábricas, relacionado com a sua modificação.

**Quadro nº 11 - Indústrias de preparação e transformação de cortiça**

|  |  |
| --- | --- |
| **Atividade industrial** | **Morada** |
| Fábrica de cortiça Domingos Semedo em 1939 | Largo Nossa Senhora da Natividade |
| Fábrica de cortiça – Charlito e Limpo | Largo Nossa Senhora da Natividade |
| Fábrica de cortiça Cutileiro Ferreira | Rua da Lagoa nº 78 |
| Oficina de moagem de cortiça para aglomerados e armazem de fardos de José Gomes Severino | Travessa dos Lagares, nº 4 |
| Oficina de preparação de subprodutos de cortiça triturada para execução de quadros e rolhas. Também servia de armazém | Largo dos Penedos, nºs 13 a 17 |
| Fábrica de Thomaz Reynolds – Fabrico de rolhas de cortiça | Rua da Lagoa nº 78 |

**Fonte**: Quadro elaborado com base nas informações constantes no **Anexo I – Fichas de Inventário**

Para além da informação contida neste Quadro relativo à transformação de cortiça, podemos retirar mais informações na consulta do Quadro nº 1 referente às várias atividades industriais que fizeram parte da história do edifício das Donzelas, hoje em dia conhecido como M´ar de Ar - Aqueduto.

A fábrica de cortiça que existiu no Largo da Nossa Senhora da Natividade foi completamente destruída, não havendo qualquer indício da mesma, apenas a referência à sua existência.

De uma forma geral, podemos referir que a maior parte dos edifícios que em Évora acolheram atividades industrias ou funcionaram como armazéns de apoio às mesmas se encontra nos dias de hoje reutilizada. Mas nessa reutilização raramente se teve em conta a preservação dos elementos de referência a essas atividades transformadoras perdendo-se, assim, um importante património industrial. Os poucos edifícios industriais e comerciais que ainda se mantêm encontram-se num estado elevado de degradação. Destes podemos destacar a Federação dos Trigos, perto da linha férrea, ou então, numa escala menor, o número 25 da rua de Avis, antiga *Salsicharia Aurora - Depósito de Presuntos* e que já foi referida anteriormente. Este edifício é um bom exemplo do estado de degradação que existe no centro de Évora.

O centro histórico de Évora depara-se com a degradação ou abandono de edifícios cheios de histórias e memórias. Aqui e onde existia um grande número de atividades industriais, não há qualquer indício ou vestígios de traços caraterísticos que identifiquem que numa determinada rua existiu uma pequena indústria entre 1800 e 1970. Apenas os edifícios das grandes indústrias, situadas nos arredores da cidade permanecem como testemunhos industriais. Encontrando-se ao abandono em grande parte, excetua-se, como já foi referido anteriormente, a *Fábrica dos Leões*.

**3.3 -Proposta de Valorização**

Perante a conclusão do trabalho de campo e, por conseguinte da elaboração da base de dados, estamos em condições de poder avaliar a importância que teve a existência da industrialização na cidade de Évora.

Como forma de valorizar e reavivar as memórias relativas ao património industrial que existiu entre o século XIX e meados do século XX, propõe-se a inclusão de um link na página eletrónica da Câmara Municipal de Évora. Este link permitiria a todos os interessados, investigadores e estudantes, ao aceder à página eletrónica, tomar conhecimento dos diversos tipos de indústria que ali se fixaram, bem como a sua localização.

Esta inclusão iria enriquecer o site da Câmara Municipal de Évora, permitindo a consulta, de forma gratuita, da base de dados que foi criada e devidamente preenchida com os dados recolhidos, contribuindo para uma maior consciencialização deste património. Sendo a internet o meio mais acessível ao público em geral, é também a forma mais rápida de aceder a qualquer hora a este projeto.

Pretende-se também a elaboração de um roteiro relacionado com o património desaparecido no centro histórico de Évora contribuindo, assim, para a recuperação de uma memória que hoje está praticamente esquecida. Este iria ter início na zona mais central e de grande importância para a cidade e habitantes de Évora, ou seja, a praça do Giraldo, com uma pequena introdução relativa ao trajeto que se iria percorrer e com a distribuição de panfletos relacionados com a Rota.

Este percurso será dedicado ao sector da panificação, passando pelos edifícios que se dedicaram a esta atividade industrial, comentando a existência do grande número de padarias e pastelarias em plena rua de Avis e depois levando o visitante a outras ruas, terminando onde teve início.

O objetivo principal desta Rota é sem dúvida o projeto de valorização que lhe está associado. O panfleto respetivo apresenta uma pequena descrição do que se pretende e qual será o percurso através de um roteiro devidamente numerado e com a devida legendagem. As visitas terão a duração máxima de 90 minutos, tempo este suficiente para se percorrer a pé as várias ruas e descobrindo até quem sabe lugares esquecidos.

Nos tempos que correm é extremamente necessária a realização deste tipo de propostas e a recuperação da memória das atividades industriais hoje desaparecidas. É necessário dar a conhecer a história e os lugares aos que vêm de fora para passar uma manhã ou tarde diferente. Seria também original se os participantes desta rota tivessem acesso à confecção do pão, colocando as “*mãos na massa”*. [[26]](#footnote-26)

Para a concretização deste tipo de propostas de valorização seria necessário o apoio dos vários industriais deste setor e da Câmara Municipal, e, caso tivesse sucesso, seria implementada no roteiro turístico da cidade de Évora e seria também ele inserido na página online da Câmara.

**Conclusão**

O património industrial da cidade de Évora pode ser considerado um património de testemunhos escritos. São poucos os edifícios que sobreviveram ao passar dos anos e às várias crises económicas que se fizeram sentir ao longo dos séculos XIX e XX. Contudo, após um trabalho exaustivo, foi possível identificar as várias atividades industriais que acompanharam o crescimento da cidade de Évora. Inicialmente estabelecidas no centro histórico da cidade, começaram por surgir as pequenas indústrias de cariz familiar e cujo ramo era o mais variado possível, verificando-se um grande predomínio na área da panificação e pastelaria, estando estas estabelecidas sobretudo na rua de Avis.

Hoje apenas podemos encontrar duas padarias que resistiram ao passar dos anos e que iniciaram a sua atividade na década de 60 (1960- 1970). A pastelaria Violeta situada em plena rua José Elias Garcia, nº 2, que mantem a sua atividade diária e há muitos anos e a padaria Panificadora na rua Miguel Bombarda, que desde sempre cativou clientes e conseguiu manter-se. Ambas mantêm a traça original do início da atividade.

Outras deram lugar a novas áreas de comércio, habitação ou simplesmente encontram-se destruídas ou em pleno estado de degradação, o que é bem visível um pouco por todo o centro histórico da cidade de Évora.

Com o surgimento do caminho-de-ferro, a indústria de Évora expandiu-se para os arredores da cidade onde começaram por surgir as primeiras grandes fábricas, beneficiando do caminho-de-ferro para o escoamento dos produtos e receção das mais variadas matérias-primas. Podemos destacar aqui a importância da fábrica dos Leões que se encontrava na periferia da cidade e que se dedicava essencialmente ao fabrico de massas alimentícias. Beneficiou da construção da linha férrea para um rápido escoamento dos seus produtos, assim como a Federação dos Trigos instalada junto ao caminho-de-ferro. Hoje em dia a linha férrea encontra-se desativada dando lugar a uma ecopista. Também a Federação dos Trigos, antiga moagem eborense se encontra totalmente ao abandono e sujeita ás condições climáticas e ao vandalismo.

Durante 170 anos de história foram várias as atividades industriais que permitiram o sustento dos que nelas estavam envolvidos. Para além da indústria da panificação, podemos fazer referência também à atividade corticeira que teve um rápido crescimento, beneficiando em muito dos vários montados que existem um pouco por todo a Alentejo, e beneficiando também das variadas propriedades conhecidas da cortiça.

Outras indústrias também contribuíram de certa forma para a industrialização da cidade. Muitos foram os armazéns que contribuíram para a salvaguarda de matérias-primas, necessárias às várias indústrias. Os celeiros, lugar de armazenagem de cereais também tiveram o seu papel importante na história. O celeiro mais conhecido deu lugar ao conceituado museu do Artesanato e do Design de Évora, albergando a coleção do antigo museu de Artes Tradicionais, promovendo assim a memória dos ofícios tradicionais do Alentejo, inserindo de certa forma a produção artesanal no contexto do design, explorando novas conotações sociais e antropológicas. Contêm ainda uma valiosa coleção de design e de artesanato do coleccionador Paulo Parra.

A produção da doçaria surge também em grande escala no final do século XIX e no início do século XX, com a introdução da fábrica de gelados na rua Miguel Bombarda e mais tarde com o Fomento Eborense, importante na transformação de pastilhas elásticas e de rebuçados.

Apesar de não existirem quase vestígios materiais das várias atividades industriais, certo é que o desenvolvimento do centro histórico da cidade beneficiou também das pequenas atividades industriais que favoreceram a fixação da população e o crescimento da economia local.

Em forma de aguçar o interesse sobre esta temática constatei ao longo deste estágio que a Universidade de Évora detém dois importantes exemplares que integraram o património industrial da cidade de Évora. A Universidade possui agora a antiga Fábrica dos Leões destinada ao pólo dedicado às artes, que se encontra já extramuros da cidade, assim como uma antiga fábrica de cerâmica situada na Rua do Raimundo, hoje em dia é o pólo dedicado à música.

A Universidade de Évora ao adquirir estes dois edifícios, contribuiu assim para a sua preservação, mas não recuperou a memória industrial destes edifícios, deixando “morrer” estes exemplares cheios de história e importantes na história industrial da cidade de Évora.

A memória das indústrias do centro histórico e arredores de Évora está extremamente esquecida, e através deste inventário, conseguimos ter a perceção da quantidade de indústrias que existiram um pouco por todo o centro. É certo que na sua maior parte eram indústrias de cariz familiar com recurso à mão de obra familiar e que se mantiveram assim durante alguns anos. Algumas conseguiram expandir-se recrutando mais mão-de-obra fora do seu agregado familiar, outras não resistiram e acabaram mesmo por encerrar portas, dando lugar mais tarde a novas atividades industriais e até mesmo a casas de habitação ou outro tipo de comércio.

Espero que todo o trabalho de investigação desenvolvido ao longo de seis meses seja útil para a população de Évora contribuindo para estimular as memórias antigas e perdidas durante anos. Este trabalho também poderá ajudar estudantes e investigadores na área da história e do património industrial recorrendo para isso ao site da Câmara Municipal de Évora e aceder ao link relacionado com o património industrial, assim como a divulgação deste património com o apoio de um roteiro turístico.

**Bibliografia**

**Fontes**

**Anuários Comerciais**

**Anuários Comerciais da Região de Évora**. 1913. Publicação Anual. Ebora.

**Anuários Comerciaos da Região de Évora**. 1924. Publicação Anual.Ebora

**Anuários Comerciais da Região de Évora**.1936. Publicação Anual. Ebora

**Anuários Comerciais da Região de Évora**. 1939. Publicação Anual.Ebora

**Anuários Comerciais da Região de Évora**. 1940. Publicação Anual. Ebora

**Anuários Comerciais da Região de Évora**. 1944. Publicação Anual.Ebora

**Anuários Comerciais da Região de Évora**. 1945. Publicação Anual.Ebora

**Anuários Comerciais da Região de Évora**. 1946. Publicação Anual.Ebora

**Anuários Comerciais da Região de Évora**. 1948. Publicação Anual.Ebora

**Anuários Comerciais da Região de Évora**. 1955. Publicação Anual.Ebora

**Anuários Comerciais da Região de Évora**. 1965. Publicação Anual.Ebora

**Arquivo Distrital de Évora:**

- **Fundo do Governo Civil**, série nº 2 Mapas de Fábricas Existentes- 1887, Pç 1-15

- **Inquéritos Industriais** – Datas 1866-1899, Pç 1-7

**Arquivo da Secção de Obras da Câmara Municipal de Évora**:

**Processo de Obras:** 1.1368/1.2652/1.2629/1.2899/1.305/1.218/1.864/1.402/1.849/1.508/1.40/1.2387/1.2680

1.3541/1.2815/1.1054/1.150/1.3119/1.3017/1.3229/1.2079/1.2519/1.9445/1.854/1.650

1.555/1.416/1.1893/1.1834/1.269/1.408/1.1050/1.1735/1.1766/1.3155/1.4164/1.2394/

1.2533/1.3158/1.24/1.1594/1.6219/1.1676/1.2117/1.1804/3.017/1.10486/1.64/1.2100/

1.3165/1.405/1.2680/1.1043/1.1766/1.12041.1407/1.1748/1.1213/1.2429/1.5067/1.402/

1.3148/1.2387/1.3919/1.4753/1.2652/1.3450/ 1.1709/ 1.4245/ 2.2637

**Manuelinho d’Évora**

Jornal **Manuelinho d’Évora** - Livro nº 1 (compilação de vários jornais): nºs 5, nº 12, nº 16, nº 23, nº 31, nº68, nº 86, nº 103, nº105, nº119.

Jornal **Manuelinho d’Évora** - Livro nº 2 (compilação de vários jornais): nº 124, nº126, nº 127, nº 132, nº139.

Jornal **Manuelinho d’Évora** - Livro nº 3 (compilação de vários jornais): nº 202, nº 210, nº 213, nº 249, nº 250, nº 258, nº 287, nº 295, nº297.

Jornal **Manuelinho d’ Évora** - Livro nº 4 (compilação de vários jornais): nº 325, nº 352, n º372.

**Jornal Notícias d’Évora**

**Notícias d’ Évora,** 1928.

**Notícias d’Évora,** 1929.

**Notícias d’Évora**, 1930.

**Notícias d’Évora**, 1931.

**Notícias d’Évora**, 1932.

**Notícias d’Évora**, 1933.

**Estudos**

ABEL, António Borges – **Os limites da cidade.** Évora, 2008. Dissertação apresentada à Universidade de Évora para obter o grau de Doutor em Arquitetura.

ALMEIDA, Carmen - **Catálogo Riscos de um século - Memórias da Evolução Urbana de Évora**: Soctip- Sociedade Tipográfica, S.A. 2001

ALMEIDA, Claudino de – **Ruas de Évora: subsídio para a explicação dos seus nomes**. Gráfica Eborense, 1934.

CEA- **Central Elevatória de Àgua da Cidade de Évora: Itinerário Expositivo**. Évora: Câmara Municipal de Évora, 2003.

COUTO, Jaime Alberto Ferreira do – **Farinhas, Moinhos e Moagem**. Lisboa: Âncora Editora.1999.

GUIMARÃES, Paulo - **Elites e Indústria no Alentejo (1890-1960): Um estudo sobre o comportamento económico de grupos de elite em contexto regional no Portugal Contemporâneo.** Lisboa: Colibri, 2006.

LIMA, Miguel Pedrosa de – **Muralhas e Fortificações de Évora: walls and fortification*s.***Lisboa: Argumentum, 2004

MATOS, Ana Maria Cardoso de - “*A indústria no distrito de Évora 1836-90*.”**Análise Social**. 1991. vol. XXXVI pág. 112-113.

MONIZ Manuel Carvalho – “*Dominicais Eborenses”*. Colecção **Novos Estudos Eborenses**. Câmara Municipal de Évora: Impressão Imprimevora. 1999.

**MONUMENTOS**. Revista semestral de Edifícios e Monumentos, Lisboa: Textype, Artes Gráficas. LDA, 2007.

QUEIMADO, José Manuel – **Alentejo Glorioso Évora, suas Ruas e Convento Évora**. Lisboa: Portugália Editora, 1967

REBOLA, Maria da Conceição Rodrigues.- “ A Travessa dos Lagares e o seu enquadramento na actividade lagareira eborense”. **A Cidade de Évora**: Boletim de Cultura da Câmara Municipal, Évora, IIª série, Nº4, 2000.

REBOLA, Maria da Conceição Rodrigues- “O palácio dos Sepúlvedas – um património artístico e industrial a preservar e a valorizar”. **A Cidade de Évora**: Boletim de Cultura da Câmara Municipal, Évora, IIª Série, nº 5, 2001, pp. 467 – 500.

RICO, Tânia – “Salão Central Eborense, um olhar sobre o seu património”. **A Cidade de Évora**: Boletim de Cultura da Câmara Municipal, Évora, IIª Série, nº 5, 2001, p. 453 – 467.

FROTA, José - **A eletricidade em Évora fez um século**. 2010: Évora. In:Mosaico.Nº 5.

SILVA, Joaquim Palminha – **Monografia da Sé e São Pedro (subsídios monográficos.** Évora: Junta de Freguesia da Sé e São Pedro, 2011

SILVA, Joaquim Palminha – **Monografia da freguesia de Santo Antão.** Évora: Junta de Freguesia de Santo Antão, 2009

SÍMPLICIO, Maria Domingas V.M – **Evolução e Morfologia de Espaços Urbano de Évora**. Évora, Tese de Doutoramento em Geografia (Geografia Humana) apresentada à Universidade de Évora, 1997.

**Webgrafia**

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223039424J9nID9pf3Wh89VZ1.pdf>

[www.2cm-evora.pt/casadabalanca/home/htm](http://www.2cm-evora.pt/casadabalanca/home/htm)

[www.cm-evora.pt/conteudos/areas+tematicas/centro+historico/Programas+e+Projectos.htm](http://www.cm-evora.pt/conteudos/areas+tematicas/centro+historico/Programas+e+Projectos.htm)

maisevora.blogspot.pt/2005/02/inauguracao-das-obras-do-mercado-1-de.html

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Industrializa%C3%A7%C3%A3o>

<http://viverevora.blogspot.pt/2011/10/industrializacao-em-evora.html>

Anexos

**I - Fichas de Inventário**

Ficha de Inventário nº1 – Rua de Avis nº 20,22 e 24 – Antiga Confeitaria Lisbonense

Ficha de Inventário nº 10 – Rua Miguel Bombarda nº 18- Antiga Confeitaria Espanhola

Ficha de Inventário nº11 – Rua de Avis nº 52 e 54 – Antigo Armazém de Solas, cabedais e fabricação de calçado

Ficha de Inventário nº12- Rua 5 de Outubro – Antiga Fábrica de Amendôa de Francisco Severino Godinho

Ficha de Inventário nº13- Rua Miguel Bombarda nº6 – Armazém de Azeite

Ficha de Inventário nº14- Rua Mendo Estevens nº38- Antiga fábrica de pão

Ficha de Inventário nº 15- Rua Romão Ramalho nº 23- Antigo armazém de queijo e manteigas

Ficha de Inventário nº 16- Rua do Raimundo/ Pólo da Universidade – Antiga Fábrica de cerâmica

Ficha de Inventário nº17- Rua João de Deus nº 46 e 48 – Antiga Fábrica de Capotes Alentejanos

Ficha de Inventário nº18- Rua João de Deus nº 80 – Antiga loja do Fomento Eborense/ mercearia por grosso e fábrica de gelo

Ficha de Inventário nº19- Rua Jõao de Deus nº 122- Antiga Fábrica de carimbos e borracha

Ficha de Inventário nº2 – Rua de Avis nº 25- Antiga Salsicharia Aurora- Depósito de Presuntos

Ficha de Inventário nº20- Rua João de Deus nº 148 – Antiga Padaria Central Eborense

Ficha de Inventário nº21- Rua João de Deus nº 146 – Antiga Fábrica de Aguardente Andaye

Ficha de Inventário nº22 – Rua João de Deus nº 138 – Antigo centro comercial de António Anselmo Dias e Fábrica de Chocoloates e confeitaria, torrefação e Moagemd e Café

Ficha de Inventário nº23 – Rua Cândido dos Reis nº 5- Antiga Padaria

Fichad de Inventário nº24- Rua Serpa Pinto nº 43- Antiga Padaria

Ficha de Inventário nº25- Rua Serpa Pinto nº 49 – Antiga fábrica de alimentação para o gado

Ficha de Inventário nº26- Rua Serpa Pinto nº42- Salsicharia e venda por grosso e retalho/ fábrica

Ficha de Inventário nº27-Rua Serpa Pinto nº 111 e113 – Antiga Padaria

Ficha de Inventário nº28- Rua Serpa pinto nº 40 – Antiga Fábrica de Doces Regionais

Ficha de Inventário nº29 – Largo da Graça nº 4ª – Antiga Fábrica de Bolachas e Biscoitos

Ficha de Inventário nº 3- Rua de Avis nº 71- Antiga padaria Paula e Gomes

Ficha de Inventário nº 30- Rua Diogo Cão nº 5- Antigo Celeiro

Ficha de Inventário nº 31 – Rua das Alcaçarias nº1 – Antiga fábrica de ladrilhos e mosaicos

Ficha de Inventário nº 32 – Rua Miguel Bombarda nº 54 – Antiga Padaria de Manoel índia

Ficha de Inventário nº 33 – Praça 1º de Maio- Antigo Celeiro

Ficha de Inventário nº34- Rua de Avis nº 10 e 12- Antiga fábrica da cera

Ficha de Inventário nº 35- Rua da República nº 99 – Antigo deposito de produtos químicos

Ficha de Inventário nº 36 – Rua da República nº 22 e 24- Antiga Fábrica de cordoaria

Ficha de Inventário nº 37- Largo Luís de Camões – ( Casa Belita)/ Antiga Padaria

Ficha de Inventário nº 38 – Rua José Elias Garcia nº 2- Ainda hoje se mantêm Pastelaria Violeta.

Ficha de Inventário nº 39 – Rua de Oliveira nº 4- Antiga Adega Tunel

Ficha de Inventário nº 4 – Rua Miguel Bombarda nº40 – Antiga fábrica de gelados

Ficha de Inventário nº40 – Rua da Lagoa nº 78 / Rua Cândidos dos Reis – Antiga fábrica de cortiça e fábrica da Melka

Ficha de Inventárionº 41- Travessa do Calvário – Antigo Lagar

Ficha de Inventário nº 42- Rossio de São Brás - Avenida Dr. Barahona – Antiga atividade industrial – G.A.Z Companhia Eborense de Eletricidade

Ficha de Inventário nº 43- Rua do Machede – Espaço ocupado pela Câmara Municipal de Évora – Antigo Matadouro Municipal

Ficha de Inventário nº44 – Avenida dos Combatentes da Grande Guerra – Armazéns junto à estação pertecentes à Companhia união Fabril

Ficha de Inventário nº 45- Avenida dos Combatentes da Grande Guerra – Antigo Fomento Eborense

Ficha de Inventário nº 46 – Praça do Giraldo nº 50 – Antigos armazéns do Chiado

Ficha de Inventário nº 47 – Rua Lagar dos Dízimos – Antigo Lagar de Azeite

Ficha de Inventário nº 48 – Rua de Avis – Antiga fábrica de campainhas e guizos

Ficha de Inventário nº 49 – Rua de Avis – Antigo Depósito de Farinhas

Ficha de Inventário nº5 – Rua Miguel Bombarda nº 13 – Antiga Fábrica de bolachas e biscoitos

Ficha de Inventário nº 50 – Rua Serpa Pinto – Antigo Depósito de Farinhas de S. Brito Vaz Coelho

Ficha de Inventário nº51 – Rua das Fontes – Antigo Lagar de Azeite

Ficha de Inventário nº 52- Rua da Cadeia – Antiga fábrica de pão

Ficha de inventário nº53 – Antiga fábrica de aguardente – Licores e bebida granito

Ficha de Inventário nº54 – Pateo de S. Miguel – Antiga atividade industrial a vapor de Vicente Ruivo

Fichae Inventário nº55 – Travessa de Santo André – Antiga fábrica de destilação a vapor de Ignacio Henrique de Carvaljo

Ficha de Inventário nº 56- Rua João de Deus – Antiga Confeitaria/ Fábrica de Chocolates e amêndoas

Ficha de Inventáiro nº 57 – Largo de São Domingos – Antigo armazém de Vinhos e seus derivados de Hermogenes Augusto Dias Azêdo

Ficha de Inventário nº 58- Rua 31 de Janeiro – Antiga fábrica de Viangre de António Pereira

Ficha de Inventário nº 59- Largo Senhora da Natividade – Antiga fábrica de cortiça Charlito

Ficha de Inventário nº 6 – Largo Portas de Moura nº 36 – Antiga pastelaria Dália

Ficha de Inventário nº 60 – Travessa dos Portugais - Antiga fábrica de curtumes de José Domingos Fernandes e Confecções de Safões e casacos de peles

Ficha de Inventário nº 61 – Avenida Dr. Barahona nº33 – Antiga fábrica de Refrigerantes – Indústrias Cmaôes de A. Florentino

Ficha de Inventário nº 62 – Avenida Dr. Barahona nº17 – Antiga fábrica de azeite

Ficha de Inventário nº 63 – Largo de São Francisco – Antiga Saboaria Escalabitana

Ficha de Inventário nº 64 – Avenida Infante D. Henrique – Antiga fábrica de plásticos – Tubel

Ficha de Inventário nº 65 – Rua dos Ramos- Antiga Fábrica de palmilhas de Domingos Perdigão Pereira

Ficha de Inventário nº 66 – Rua das Alcaçarias – Antiga fábrica de velas e ceras

Ficha de Inventário nº 67- Rua do Menino Jesus – Antiga fábrica de espelhos

Ficha de Inventário nº 68 – Avenida Dr Barahona nº17 – Antiga Fábrica Texteís

Ficha de Inventário nº 69 – Avenida dos Combatentes nº 52 e 54 – Antiga Federação dos Trigos- Moagem Eborense

Ficha de Inventário nº7- Rua de Avis nº 61ª,B E C- Antiga Padaria Bijou

Ficha de Inventário nº 70 – Estrada dos Leões – Antiga fábrica de Massas Alimentares

Ficha de Inventário nº 71 – Avenida dos Bombeiros Voluntários – Antiga Caple – Cooperativa Agrícola de Produtores de Leite de Évora

1. Maria Domingas Simplicio – **Evolução e Morfologia de Espaços Urbanos de Évora**. Évora: [s.n]. 1997 p. 5 Tese de Doutoramento em Geografia (Geografia Humana) apresentada à Universidade de Évora. [↑](#footnote-ref-1)
2. Ana Maria Cardoso de Matos – “A indústria no distrito de Évora 1836-90”. **Análise** **Social**. 1991, p. 112-113. Paulo Guimarães - **Elites e Indústria no Alentejo (1890-1960): Um estudo sobre o comportamento económico de grupos de elite em contexto regional no Portugal** **Contemporâneo**. Lisboa: Edições Colibri/CIDEHUS.2006. [↑](#footnote-ref-2)
3. Carmem Almeida - **Riscos de um século- Memórias da Evolução Urbana de Évora**. Soctip – Sociedade Tipográfica,S.A.2001 [↑](#footnote-ref-3)
4. http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/itinerarios/industrial [↑](#footnote-ref-4)
5. Hélder Adegar Fonseca **– O Alentejo no século XIX economia e atitudes económicas**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1996, p. 250 [↑](#footnote-ref-5)
6. Ibidem. [↑](#footnote-ref-6)
7. Ana Cardoso de Matos – “Indústria no distrito de Évora, 1836-90”**.** **Análise Social.** 1991, p. 574 [↑](#footnote-ref-7)
8. O surgimento das primeiras fábricas de cortiça deveu-se à iniciativa de um inglês, Tomás Reynolds, que em 1844 funda uma fábrica em Estremoz, onde na altura trabalhavam entre 60 e 70 operários, iniciando no ano seguinte o “estabelecimento de uma outra fábrica na Azaruja”. Ana M. Cardoso de Matos – “A indústria no distrito de Évora, 1836-90**”**. ***Análise social****.* 1991, p.571. [↑](#footnote-ref-8)
9. “Esta firma comprava a produção de outras fábricas existentes na região, como acontecia com as pequenas fábricas estabelecidas na Azaruja ou com a Fábrica de João da Silva Tavares, em Estremoz, que enviava depois, conjuntamente com a produção da sua fábrica, para Londres, onde se situava a sede da firma.” Ana M. Cardoso de Matos – “A indústria no distrito de Évora, 1836-90”**. Análise Social**. 1991, p. 572 [↑](#footnote-ref-9)
10. Ibidem*.* [↑](#footnote-ref-10)
11. Maria Conceição Rodrigues Rebola – “A travessa de lagares e o seu enquadramento na actividadelagareira eborense”. **A cidade de Évora**: Boletim de Cultura da Câmara Municipal, II série, nº4,2000, p. 305 [↑](#footnote-ref-11)
12. Ibidem*.*  [↑](#footnote-ref-12)
13. Idem, p. 306. [↑](#footnote-ref-13)
14. Carmen Almeida - **Catálogo Riscos de um século: Memórias da Evolução Urbana de Évora**. Soctip- Sociedade Tipográfica, S.A. 2001 [↑](#footnote-ref-14)
15. “*Representante de uma Companhia Inglesa que substituiu em Portugal uma filial – A Companhia Geral de Iluminação a Gás. Na Companhia Geral de Iluminação a Gás, que tinha sede no Porto, participavam vários empresários portugueses e estrangeiros*.” Ana Cardoso de Matos – “Aspectos técnicos, empresariais e sociais do abastecimento de gás e eletricidade à cidade de Évora (1890-1942)”. **A Cidade de Évora**.II série, nº5. 2001, p. 295. [↑](#footnote-ref-15)
16. Idem,p. 296. [↑](#footnote-ref-16)
17. Maria Ana Bernardo – “A modernização das infraestruturas de saneamento na cidade de Évora: as vicissitudes do processo (1890-1933)”. **A Cidade de Évora:** Boletim de cultura da câmara municipal. II série, nº5, 2001, p. 259. [↑](#footnote-ref-17)
18. “passou a ser possível a elevação da água à parte alta da cidade, assegurando uma pressão conveniente nos andares superiores dos prédios e permitindo um combate eficaz contra os incêndios. Até então, o abastecimento de água à população era feito exclusivamente através das fontes e chafarizes, chegando apenas a algumas casas, através do aqueduto.” **Curiosidade Histórica: A Antiga Central Elevatória de Água da Cidade de Évora (CEA**) [*http://www.cm-evora.pt/*](http://www.cm-evora.pt/)Consultado em10-7-2013 [↑](#footnote-ref-18)
19. “(…) uma câmara de manobras, quatro reservatórios de chegada, uma estação elevatória e um reservatório de serviço regulador de distribuição de água.” **Curiosidade Histórica: A Antiga Central Elevatória de Água da Cidade de Évora (CEA**) [*http://www.cm-evora.pt/*](http://www.cm-evora.pt/)Consultado em 10-7-2013. [↑](#footnote-ref-19)
20. Tânia Rico – “Salão Central Eborense, um olhar sobre o seu património”. **A Cidade de Évora**: Boletim de Cultura da Câmara Municipal de Évora. II série, nº5. 2001, p.454. [↑](#footnote-ref-20)
21. IHRU - (Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana) [↑](#footnote-ref-21)
22. POP -(designação utilizada pelos serviços da CME que corresponde a Processos de Obras Particulares). [↑](#footnote-ref-22)
23. Foi inaugurado em Évora em 1863. [↑](#footnote-ref-23)
24. A CAPLE viu o seu arquivo ser destruído, após o seu encerramento. [↑](#footnote-ref-24)
25. Apenas como curiosidade, referimos que o abate dos animais era feito nas ruas, mas as várias alterações legislativas e os regulamentos que foram entrando em vigor, levaram ao estabelecimento de um matadouro municipal, que desse resposta às necessidades da cidade e ao cumprimento da legislação. [↑](#footnote-ref-25)
26. Folheto da Rota da Panificação que se encontra em anexo [↑](#footnote-ref-26)